

### “E o melhor de tudo é o conhecimento, é tudo de bom”

No povoado de Alto Alegre, município de Serrinha, vive a família de Dona Marizete Souza Moreira e Seu Paulino Luciano Moreira. A principal atividade é a comercialização de hortaliças, frutas e verduras, sem agrotóxicos, que são vendidos nas feiras de alguns municípios como Serrinha, Araci e Barrocas. Eles contam um pouco da trajetória de suas vidas desde quando se conheceram e como as formações e intercâmbios contribuíram para mudança de hábitos na forma como produzem.

“Eu sou do Povoado da Cabeça da Vaca, nasci lá. Depois de um tempo saí e conheci ele [Seu

Paulino], que morava aqui no Alto Alegre. Comecei a conhecer a comunidade vindo para as noites de Tríduo [Festa Católica], conheci a família dele e assim casei em 1988. Mas o nosso primeiro filho nasceu antes, em 1986. Tivemos cinco, um morreu. Renilson, Alexsandro, Nedson e Adriana. Sempre moramos nessa casa. Era de adobe, depois foi aos poucos melhorando”, recorda Dona Marizete.

“Sempre fui agricultor, mas tive que ir morar fora, trabalhar como pedreiro. Hoje eu não trabalho mais pra ninguém, só aqui na minha horta. Antes a gente cultivava feijão, milho, mandioca, batata-doce e feijão de corda quando chovia. A gente consumia e vendia na feira. Naquele tempo fazia beiju para vender na feira e pro consumo de casa, não era muito”, conta Seu Paulino.

“Naquela época era mais [presente] na feira de Serrinha e algumas vezes em Teofilândia. Agora a gente tá indo para Araci e Barrocas. Já estamos com freguesia nessas feiras. Eu fico em Serrinha e ele vai para Barrocas no sábado. A gente pega fruta também. Eu tenho uma freguesia boa aqui em Serrinha. O plantio tá verdinho”, diz Dona Marizete orgulhosa do seu trabalho. Ela também recorda que quando começou a cultivar a terra junto com seu Paulino, fazia uso de adubo químico e queimada. “Quando eu cheguei aqui não sabia nada. A gente colocava aquele adubo químico. Depois eu comecei a participar dos movimentos e a aprender. Eu passava pra ele, só que ele não acreditava ainda. Depois ele começou a ir, a participar e a gente deixou de colocar. A gente queimava as coivaras, hoje a gente não queima mais”.

Como Seu Paulino não participava dos cursos e viagens, dos quais Dona Marizete sempre trazia novos aprendizados, ela relembra que era difícil para o marido aceitar a saída dela de casa. “Era um arerê quando eu comecei a ir, eu sofri um pouquinho. Foi muito difícil, eu ficava querendo avançar por que era bom pra gente. Eu pensei em desistir. Depois eu vi que tinha que jogar ele dentro do movimento”. E ele entrou.



**Dona Marizete e Seu Paulino**



“Ela ia prum canto e eu ia pra outro. Eu chegava e ela não tava em casa, eu achava que não ia dar certo. Depois que eu comecei, vi como era. Eu fui frequentando e vendo a diferença. Comecei a usar o adubo orgânico e vi que ficou melhor. Quando chego na feira, o povo pergunta se é natural. A gente tem que botar a cara”, afirma Seu Paulino, com a certeza de que vale a pena aproveitar novas oportunidades e abrir as portas para o conhecimento.

“Eu viajava muito. Ia para Feira de Santana, fazia formação, ensinava. Eu disse não, não vou desistir. Aí depois veio a formação para as cisternas, os intercâmbios... Em todas foi ele que participou e agora ele gosta muito de participar”, ressalta Dona Marizete. Em umas dessas formações, Seu Paulino conta que aprendeu a fazer a horta verão, mas adaptou a técnica para economizar os custos com bloco. Ele se lembra do que o levou a investir do cultivo das hortaliças. “Quando eu trabalhava de pedreiro ganhava um dinheirinho, mas era agoniado. Depois eu vi que dava para ficar aqui, mesmo sendo pouco, dá pra garantir o pão de cada dia. Aqui trabalhando pra gente fico livre de chateação, de ser mandado, aqui trabalho sossegado”. Seu Paulino viajava trabalhando como pedreiro pelo Brasil.



Desses tempos de viagens de Seu Paulino, ela conta que não foi fácil, pois ficava muitas vezes sozinha nos cuidados com a educação dos filhos. “Criei meus filhos quase sozinha, mas agradeço a Deus. Meus filhos me ajudam muito. A esposa do meu filho mais velho também planta. Vende muito. Até flor. Ele tá saindo da firma pra se dedicar a isso”.

Com o tempo e com muito trabalho as coisas foram melhorando para a família. “Desde o início a gente tinha um fusca. Quando eu saí de um trabalho, juntei o dinheiro e comprei, por que era sofrido trabalhar com a carroça. Aí depois a gente foi mudando e comprou outro melhorzinho. Foi muita luta”, contou Marizete. A família que atualmente vende hortaliças, frutas, batatas, entre outras coisas, hoje pensa em ampliar a criação que eles já possuem. “A gente viu que era bom criar pinto, compramos uma chocadeira, ganhamos um aviário do projeto AMAS e foi muito bom. Nosso plano é ampliar o aviário”, conforme ela explicou.



A comunidade possui um grupo ligado à associação que acessa o Credamigo e a família já acessou o crédito rural dessa forma e também individualmente. “A gente já acessou o crédito e a próxima vez vai ser para isso, crescer meu aviário, pro consumo e pra vender. A gente sempre tem acompanhamento de técnico aqui. A propriedade tem três tarefas”, diz Marizete.

Sobre a gestão da água, eles relatam um pouco da dificuldade, mas contam também que a cisterna tem contribuído para o trabalho dar certo. “A cisterna melhorou muito, pegamos o ritmo, vendia pouco, era mais para o consumo, aumentou a produção e estamos vendendo. Quando chove, a gente coloca bicas para aproveitar mais a água e liga para a cisterna pra não perder essa água”, afirma ela. “É o melhor de tudo é o conhecimento, é tudo de bom. A gente conhece muita gente, faz amizade, e aprende muita coisa, coloca em prática e melhora a comunidade”.